



Anfiteatro

REPRESENTATIVIDADE, CULTURA E IDENTIDADE SURDA EM ADAPTAÇÕES DE CLÁSSICOS INFANTIS

Paula Aparecida Diniz Gomides¹, Erliandro Félix Silva², Ana Regina e Souza Campello³

¹Universidade Federal de Minas Gerais / e-mail: contatopaulagomides@gmail.com

²Universidade de Taubaté / e-mail: leandro.felix1980@gmail.com

³Instituto Nacional de Educação de Surdos / e-mail: acampello@ines.gov.br

Resumo: Nosso principal objetivo neste texto é abordar pressupostos relacionados à construção de representatividade e elementos que têm como base a construção da identidade e cultura surda, por meio da publicação de livros considerados parte da literatura surda. Enfocamos três adaptações: *Cinderela Surda*, *Rapunzel Surda* e *Patinho Surdo*, destacando algumas das principais características destes textos e considerando a importância deles na construção de uma visão positiva da surdez, enquanto diferença linguístico-identitária.

Palavras-chave: Literatura surda, identidade surda, representatividade, cultura surda, histórias clássicas, livros impressos.

1. Introdução

A comunidade surda, por meio de diversas lutas por valorização e legitimidade, vem assumindo um protagonismo cada vez maior em nossa sociedade. Esse protagonismo não é construído sem muitas lutas e enfrentamento dos preconceitos a parâmetros de 'normalização', relacionados à comunidade ouvinte e de um desfoque de uma visão do déficit para uma visão que ressalta as diferenças culturais e linguísticas desse grupo minoritário. A literatura surda constitui uma esteira de enfrentamento, marcada pelo compartilhamento de uma visão positiva do surdo.

Karnopp (2010) destaca que as produções situadas nesta esteira discursiva são classificadas em três categorias: traduções de histórias já existentes para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), adaptações de histórias já existentes, tendo em vista a cultura e a identidade surda e criações que consideram, prioritariamente, a cultura e a identidade surda. Neste texto, abordamos três produções consideradas como adaptações de clássicos infantis à realidade da comunidade surda, em livros



Anfiteatro

impressos.

2. Dos Fatos

A “literatura surda” diz respeito a textos que se destinam e fazem referência a aspectos importantes da cultura e identidade surda, possibilitando um processo reflexivo, no qual as crianças surdas se veem e se reconhecem como príncipes, princesas e personagens fortes que, a despeito de suas limitações, vencem ao final das tramas (QUADROS, 2000; KARNOPP, 2010). Há uma discussão sobre a pouca representatividade de grupos minoritários em várias esferas e, na literatura, não é diferente. De um modo geral, histórias que têm como principais personagens surdos, autistas, negros ou representantes de quaisquer outras minorias estão se desenvolvendo (vide Maurício de Sousa, criador da *Turma da Mônica* que atualmente ainda escreve e lança os gibis da turminha e já criou personagens como Hamyr, André, Dorinha, Tati, Luca e Milena).

Entendemos que, mesmo com um avanço nas legislações voltadas para a comunidade surda e a busca por uma educação de surdos mais relacionada à construção identitária, o preconceito e exclusão social ainda se fazem presentes. Como movimento de resistência, têm crescido as produções que enfocam a literatura surda em traduções, adaptações e criações, com personagens surdos e que se comunicam por línguas de sinais (Libras, no caso brasileiro). A existência destes materiais pode auxiliar em processos de alfabetização, tanto em línguas de sinais, quanto em línguas orais.

“A comunidade surda tem como característica a produção de estórias espontâneas, de contos e de piadas que passam de geração em geração relatadas por contadores de estórias em encontros informais, normalmente em associações de surdos” (QUADROS, 2000, sem página). A presença de registro impresso, em mídias (DVD ou VHS) e plataformas como *Youtube* e *TikTok* podem favorecer uma maior notoriedade das produções típicas da comunidade surda. Antes passadas de geração a geração, na informalidade, as estórias produzidas no interior da



Anfiteatro comunidade podem alcançar um aspecto mais amplo, presentes na formação de contadores de histórias e formação de professores. Além disso, o ensino de línguas pode ocorrer por meio de interações lúdicas, o que facilita a aprendizagem e estimula a capacidade criativa (QUADROS, 2000).

3. Metodologia

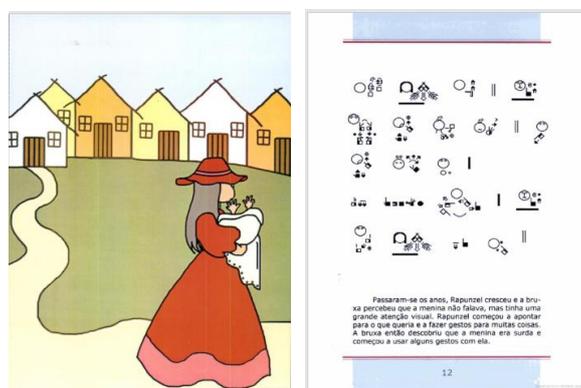
Abordamos, tendo em vista a bibliografia da área e a análise de três livros que podem ser considerados como parte da literatura surda, como uma relação pode ser estabelecida entre a construção identitária de pessoas surdas e as páginas dos livros, bem como as temáticas por eles abordadas. Como recorte, analisamos três adaptações deste campo discursivo: “Rapunzel Surda”, “Cinderela Surda” e “Patinho Surdo”. Refletimos sobre as contribuições desta literatura na luta por maior valorização dos surdos no país e a apropriação linguística em L1 e L2 de surdos¹.

4. Análise e Interpretação dos Dados

Os livros “Rapunzel Surda” e “Cinderela Surda”, além de se tratarem de histórias que abordam prioritariamente aspectos culturais relacionados a um entendimento da surdez como diferença, são compostos por ilustrações, texto escrito e outro tipo de escrita, que é o *SignWriting* ou escrita de sinais. De acordo com Quadros (2000, sem página) o ensino da escrita de sinais, bem como o estímulo à comunicação em Libras, língua materna dos surdos, favorece a aquisição da leitura e a escrita, envolvendo “o incentivo da formação e preservação da identidade surda através do reconhecimento e valorização da comunidade surda e a produção cultural específica”. Abaixo, trazemos dois exemplos da apresentação desses dois primeiros livros citados:

Figura 01: páginas 11 e 12 do livro “Rapunzel Surda”

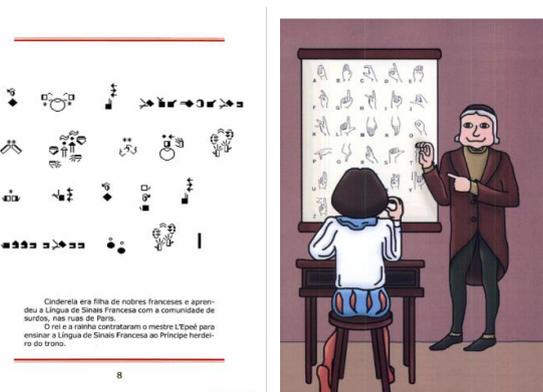
¹ L1 seria a primeira língua das pessoas surdas, ou língua materna. L2 seria uma segunda língua adquirida, após a construção de letramentos na L1 que, no caso dos surdos, é a Libras.



Fonte: (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2005)

Em “Rapunzel Surda”, alguns elementos da história original são adaptados, para que haja um reconhecimento com a personagem principal. Após levar Rapunzel consigo, a bruxa descobre que ela não consegue desenvolver um sistema de comunicação oral, concluindo que a menina era surda. Porém, destaca-se sua grande acuidade visual. Sendo assim, ambas passam a desenvolver alguns “gestos” para se comunicarem. É possível perceber na imagem acima que, assim como os outros livros, este preserva a escrita em português, mas representa a história em escrita de sinais, constituindo um material bilíngue e multimodal em conjunto com as ilustrações. A passagem ilustra as vivências de muitos surdos filhos de pais ouvintes. No segundo livro selecionado, “Cinderela Surda”, ambos, Cinderela e o príncipe eram surdos e aprenderam a língua de sinais francesa ainda crianças. Cinderela, em meio à comunidade surda nas ruas de Paris e o príncipe com aulas particulares. Aqui existe um elemento que pode gerar uma relação com trajetórias de diversos surdos: o estímulo à aceitabilidade da surdez, tendo em vista a diferença linguística entre surdos e ouvintes. Assim, entendemos que obras como essa visam a um “incentivo da formação e preservação da identidade surda através do reconhecimento e valorização da comunidade surda e produção cultural específica” (QUADROS, 2000, sem página).

Figura 02: páginas do livro “Cinderela Surda”:



Fonte: (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2007)

Na imagem acima, o livro indica que o príncipe aprendeu a língua de sinais francesa com o mestre L'Epeé, como uma forma de prepará-lo para assumir o trono. Este personagem, L'Epeé, se trata de Charles-Michel de L'Epeé, que foi um filantropo e educador francês do século XVIII, conhecido pela cultura surda como sendo o “pai dos surdos”. Ou seja, a história apresenta elementos históricos e desperta nos leitores o interesse pela própria história e cultura, mostrando que o príncipe surdo, se educado devidamente, poderia assumir o trono, como qualquer pessoa. Além disso, na segunda imagem, há uma representação de L'Epeé ensinando um alfabeto em língua de sinais, mais precisamente, apresentando a letra “C” ao menino.

Para finalizar, abordamos a história do “Patinho Surdo” que remete à história “Patinho Feio”, demonstrando que a diferença que marcava o patinho dos outros membros de sua suposta família de cisnes era o aspecto comunicacional. Ao conhecer a família de patos, o patinho também se reconhece e, por intermédio do sapo intérprete, o engano acerca da inclusão do ovo do patinho em meio aos ovos da mãe cisne, é solucionado. Essa obra não é articulada em *SignWriting*, mas apresenta um glossário ao final, como as outras adaptações abordadas neste texto. Assim como as outras obras, esta última indica a importância da inclusão do surdo, não apenas na sociedade, mas também no contato com outros surdos. Sobre isso, Skliar (1999, p. 11) aponta que: “a transição da identidade ocorre no encontro com o semelhante, em que se organizam novos ambientes discursivos. É o encontro surdo/surdo”.



Anfiteatro

5. Conclusão

As adaptações dos clássicos para Libras são uma tentativa de representação da identidade e cultura surda, promovendo um autoentendimento de si e o aprendizado acerca da condição de crianças surdas. A surdez deixa de ser uma deficiência impeditiva de socialização e desenvolvimento para ser representada como uma diferença que em nada impede sonhos e planos. A representação em escrita de sinais pode favorecer a disseminação desse tipo de escrita, resolvendo uma lacuna para aqueles que ainda afirmam ser a Libras uma língua menor por ser ágrafa. Faz-se necessário que acompanhem tais materiais, adaptações e novas histórias para a verificação de como elas irão se desenvolver, em meio à trajetória da língua e da cultura surda, em um contexto de valorização das diferenças, principalmente na educação bilíngue.

Referências

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. B. **Cinderela Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [36]: 155 - 174. 2010.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>.

Acesso em: 30 mai. 2021.

QUADROS, R. M. de. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. Textura, Canoas, n. 03, p. 53-61, 2000.

ROSA, F.; KARNOPP, L. B. **Patinho Surdo**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SILVEIRA, C. H.; ROSA, F.; KARNOPP, L. B. **Rapunzel Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SKLIAR, C. A localização política da educação bilíngue para surdos. In.: SKLIAR, C. (org.). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos**: processos e projetos. Porto Alegre: Mediação, v. 1. 1999.